

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

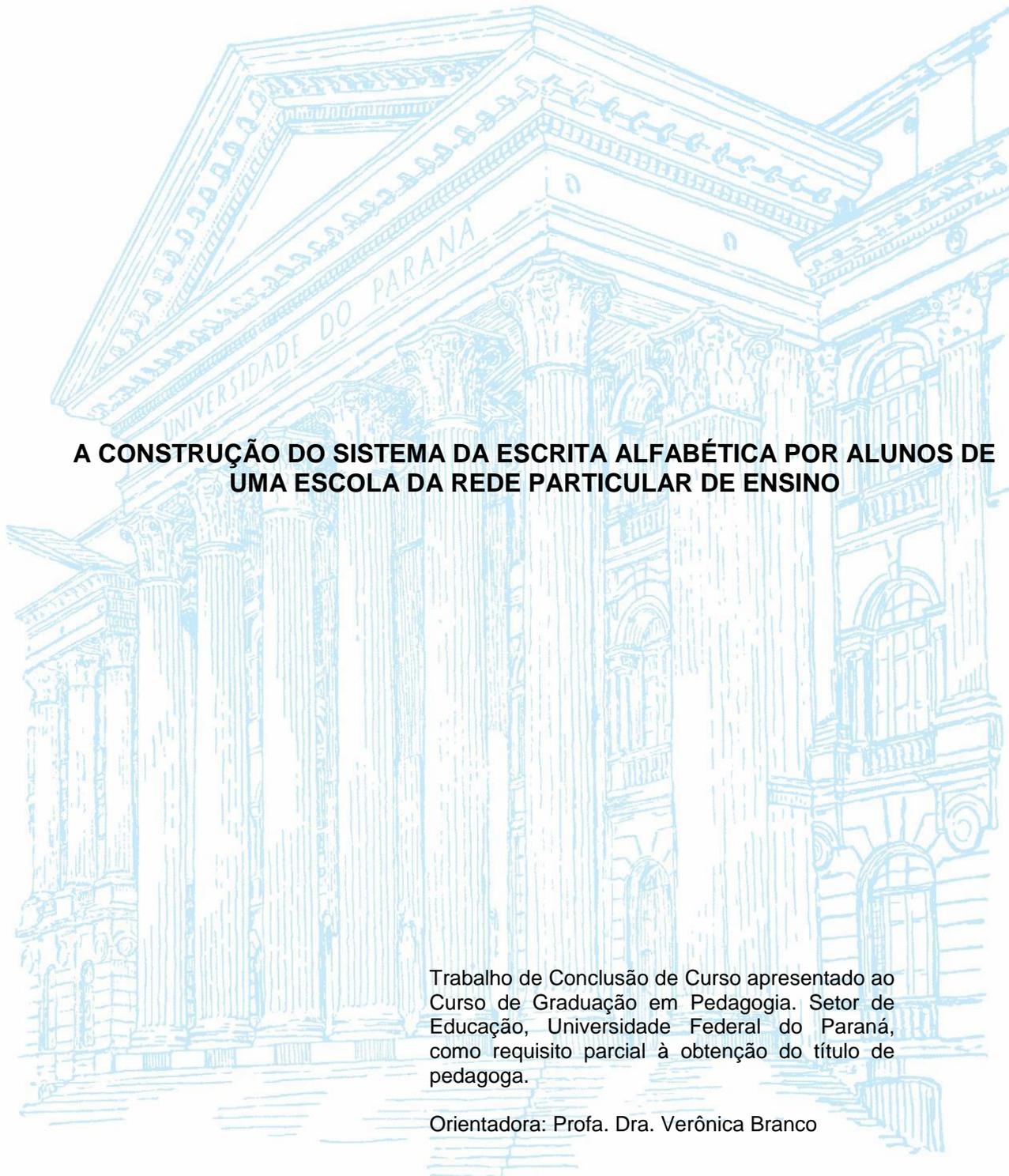
RHAMÍSIA BEHER ROLIM DE MOURA

**A CONSTRUÇÃO DO SISTEMA DA ESCRITA ALFABÉTICA POR ALUNOS DE
UMA ESCOLA DA REDE PARTICULAR DE ENSINO DE CURITIBA**

CURITIBA

2019

RHAMISIA BEHER ROLIM DE MOURA



**A CONSTRUÇÃO DO SISTEMA DA ESCRITA ALFABÉTICA POR ALUNOS DE
UMA ESCOLA DA REDE PARTICULAR DE ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Pedagogia, Setor de
Educação, Universidade Federal do Paraná,
como requisito parcial à obtenção do título de
pedagoga.

Orientadora: Profa. Dra. Verônica Branco

CURITIBA
2019

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos estudantes que estão em fase de transição da Educação Infantil para a Educação Fundamental I e aos professores que fazem esse lindo trabalho e que mantêm o equilíbrio entre essa mudança, garantindo um universo de novas aprendizagens.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me dar forças e sabedoria na vida e no caminhar da faculdade. Obrigada Senhor pela saúde, pela coragem, pela paciência, pela força e pelo entusiasmo. Creio que suas graças me fizeram concluir está tão importante etapa.

Gratidão a minha mãe Rita que sempre me incentivou, teve paciência, esteve presente e rezou por mim.

Ao meu namorado Lucas, que desde o início do ano me incentivou para que eu concluísse o curso, para que eu mantivesse a calma, pois sabia que eu tinha capacidade.

A minha coordenadora do trabalho (estágio) que sempre esteve disposta a conversar e trocar informações para o desenvolvimento deste trabalho.

A minha orientadora Profa. Dra. Verônica Branco pela disponibilidade, apoio e colaboração durante a realização deste trabalho.

Obrigada à equipe pedagógica da escola pesquisada que me acolheu com muito respeito e atenção e que permitiram a realização desse trabalho.

“Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua
produção ou a sua construção”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho surgiu em função do interesse em acompanhar e descobrir os níveis da alfabetização e como as crianças são estimuladas e instigadas a entrar no universo da leitura e da escrita nos primeiros anos de vivência escolar. Assim, para que essa pesquisa fosse realizada, primeiramente estudamos alguns referenciais teóricos, que tratam o desenvolvimento da leitura e escrita na criança e dos estímulos que podem ser feitos a ela. Posteriormente foi realizada uma pesquisa qualitativa em uma escola da rede privada no município de Curitiba, analisando duas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, um total de 32 estudantes, na qual realizamos observações e análise das sondagens no período do mês de outubro, tomando como base os principais documentos que norteiam a educação básica brasileira.

Palavras-chaves: alfabetização, leitura, escrita.

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

EBA - Experiências, Brincadeiras e Aprendizagens

EF- Educação Fundamental

EI - Educação Infantil

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB - Leis de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação

PNAIC - Pacto pela Alfabetização na idade certa

LISTA DE TABELA

Tabela 1- Organização período integral

Tabela 2- Organização período regular

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	10
1.1OBJETIVOS DA PESQUISA.....	12
2. CONTEXTO HISTÓRICO.....	14
2.1 REVISÃO DE LITERATURA.....	19
2.2 ANÁLISE COM A BNCC.....	23
3. METODOLOGIA.....	26
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1.INTRODUÇÃO

Falar sobre o processo de alfabetização e letramento é também enfrentar um dado que permeia historicamente a sociedade brasileira: o analfabetismo. Informações emitidas no portal do Ministério da Educação (MEC) indicam que as políticas de desenvolvimento estão reduzindo as taxas, antes elevadas, de analfabetos em território nacional. Programas como “Brasil Alfabetizado”, Pacto pela Alfabetização na idade certa (PNAIC) garantiram recursos suplementares para a formação dos alfabetizadores; aquisição e produção de material pedagógico; alimentação escolar e transporte dos alfabetizados. Previam, ainda, bolsas para professores alfabetizadores e coordenadores voluntários do programa (MEC; 2018).

Pensando em estratégias para combater o analfabetismo encontrou-se aumento na educação básica a solução de longo prazo mais adequada para este problema, pois uma vez em que a criança se encontra na escola estará envolvida em um ambiente que propicia a ela a oportunidade de explorar, aprender e conseqüentemente finalizar o processo de alfabetização e dar continuidade à educação básica.

O MEC demonstra que desde 2012 as taxas de escolarização nos anos iniciais (quatro a cinco anos) aumentaram, indicando um possível declínio para índices cada vez menores de analfabetos.

Observou-se que em um lado a alfabetização está sendo observada de maneira mais consciente pelos pais e responsáveis de crianças e jovens menores de idade, por outro as taxas de analfabetos entre 10 e 24 anos também reduziram, indicando possivelmente uma maior procura e interesse, talvez devido a maior cobrança do mercado de trabalho na educação de jovens e adultos. Ainda que em processo de redução, o número de analfabetos surpreende se observado o quadro nacional, 8,5% de analfabetos com 15 anos ou mais (IBGE; 2014).

Pensando na organização da nossa sociedade moderna, fica difícil de imaginá-la sem a influência da comunicação através, principalmente, da oralidade, leitura e escrita. O encargo social da transmissão deste conhecimento está vinculado majoritariamente às instituições escolares, no entanto, o contado com a alfabetização pode ocorrer antes do ingresso no ambiente escolar. Segundo as autoras Emília

Ferreiro e Ana Teberosky, em sua obra: A Psicogênese da língua escrita (1986)¹ em que relatam a descoberta de que a criança já inicia o aprendizado da escrita quando participa de contextos sociais onde o código linguístico aparece. Ou seja, o sujeito está em constante movimento de aprendizado.

Com o novo olhar sobre o ambiente alfabetizador, a criança percebe o professor como um mediador do processo,

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 1999, p. 23)

A mesma pesquisadora mostra que a criança constrói seus sistemas interpretativos, ou seja, pensa em diferentes hipóteses para construir seus conhecimentos.

A alfabetização está presente na vida da criança em todos os ambientes. Seja em casa, manuseando as letras do teclado do computador, com a linguagem escrita na escola ou convivendo com adultos alfabetizados. Alfabetizar na pré-escola é oportunizar atividades lúdicas de descobertas dos sons. É ensiná-los a perceber como se desenha as letras, a encontrar sons e desenhos de letras iguais e os espaços que eles ocupam nas palavras. É um jogo perceptivo de construção gradativa da leitura e escrita. A educação infantil tem uma grande responsabilidade sobre o desenvolvimento das crianças ao construir conhecimentos que dão lugar aos novos saberes como a leitura e a escrita. (MAUDONNET, 2015, não paginado).

Pensando nisso, ao longo do trabalho, pode-se perceber o quão importante é trabalhar a alfabetização junto com o desenvolvimento da autonomia da criança, incentivando-a sempre a ter uma motivação que lhe chame a atenção e mostre-lhe as novidades que irá encontrar no caminho.

De acordo com a Ana Teberosky (1986) a escrita, a leitura e a linguagem oral, se desenvolvem juntas e atuam correlacionadas desde o princípio da alfabetização.

¹ Nesta obra paradigmática, adotada em todo mundo, as autoras utilizam a psicolinguística contemporânea e a teoria de Piaget para demonstrar como a criança constrói diferentes hipóteses acerca do sistema de escrita, antes de chegar a compreender as hipóteses de base do sistema alfabético, oferecendo um subsídio único para professores, psicopedagogos, linguistas e todos aqueles preocupados com a educação eficaz.

Durante esse processo, a criança constrói o seu conhecimento, pois em decorrência do estímulo social, elas vão entendendo como a escrita e a leitura funcionam. A partir disso, pode-se observar a maneira como ela aprende.

Alfabetizar ou ensinar a ler e escrever, é considerado tradicionalmente, uma habilidade dominada por professores alfabetizadores que manejam um determinado método de ensino, de acordo com as teorias vigentes, principalmente sobre a linguagem e sobre o aprendiz. (BRANCO, 2009, p.1)

Porém, atualmente esses aprendizes (crianças), dizem que a escrita deixou de ser a simples cópia de textos organizados, em função de uma determinada família silábica para assumir as características de um texto real e não um treino.

Para organizar as ideias de forma escrita deste texto real, utiliza-se primeiro, as experiências e todos os conhecimentos que se dispõem sobre “as formas de dizer” determinada ideia; segundo: qual o objetivo da organização dessa ideia; e terceiro, para quem elas se dirigem. Depois de todo esse processo, chega-se ao fim, passando a concretizar as ideias e utilizando-se dos instrumentos que são as palavras e as letras.

O mais importante é o destaque da pesquisadora de que essa evolução ocorre na interação da criança com a leitura e a escrita. Não é, pois, um conhecimento acidental ou espontâneo é um conhecimento que pode e deve ser auxiliados pela intervenção de informantes crianças, pais e principalmente professores. É uma tarefa a ser realizada pela escola e na escola. (BRANCO, 2009, p.6).

Conforme essa discussão, algumas maneiras de estimular as crianças a terem mais interesse e curiosidade pela leitura é fazendo com que elas escutem seus pais ou professores lendo em voz alta, como também, proporcionar ambientes baixos e visíveis no qual a criança consiga ter autonomia para escolher um livro. Desta forma, o ambiente se torna rico, tendo vários materiais escritos, imagens e a prática da leitura, além de ter um novo olhar sobre a alfabetização. Isto demarca a compreensão que terá com a integração de novos conhecimentos.

Através destes meios de motivação, foi observada a necessidade de analisar os níveis de alfabetização em que as crianças se encontravam no intuito de incentivá-

las de maneira mais eficaz, buscando uma autonomia da escrita e leitura cada vez maior.

1.1. OBJETIVO DA PESQUISA

Diante dos dados legais e dos fundamentos básicos sobre a importância da aquisição da leitura e da escrita, no processo de alfabetização, formulamos como objetivo geral dessa pesquisa:

Analisar como a criança é motivada na escola a desenvolver o conhecimento da linguagem oral, da leitura e da escrita.

E como objetivo específico:

Identificar como um grupo de alunos do primeiro ano se apresentam em relação a construção das hipóteses de escrita formuladas por Ferreiro e Teberosky (1986).

2. CONTEXTO HISTÓRICO

Já parou para pensar em como a alfabetização surgiu? Para isso, precisamos rever o passado e verificar quais são as teorias que servem de base para os dias de hoje.

Antigamente, a teoria mais conhecida era a tradicional ou sintética, desenvolvida na antiga Grécia,

[...] considerava que o conhecimento era uma cópia do real, externo ao sujeito, e era internalizado aos poucos como se fossem “doses homeopáticas”, através de muito treino de memorização. (BRANCO, 2009, p.1)

Sabemos que esse método, fazia a correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia.

[...] fazia com que a instrução iniciasse letra para chegar ao texto, passando antes pela junção das sílabas, pelas palavras isoladas e pelas frases. Eram muitas etapas de aprendizado, que necessitavam de longos treinos de reconhecimento e memorização. (BRANCO, 2009, p.1)

No século XVII, já tivemos mudanças, mais um autor chegou para introduzir a sua opinião sobre os métodos tradicionais. John Locke (filósofo inglês), disse que o homem ao nascer traz apenas possibilidades, sendo que os conhecimentos são adquiridos através dos sentidos, aos poucos e ao longo da vida.

No século XIX, em alguns países (França, Alemanha e Inglaterra), o método tradicional apareceu de maneira mais completa, lhe acrescentando, o estudo das vogais e consoantes associadas com a finalidade de formar a família silábica, ou seja, algumas palavras como BEBÊ, BOLA E BALA, com isso, criam a Cartilha (livro que ensina os primeiros rudimentos de leitura), mas no Brasil ela só começa a ser trabalhada (introduzida) em 1920, no século XX.

Enquanto a primeira Cartilha passa a ser utilizada no Brasil, nos mesmos países europeus, citados acima, surgem um novo método, o global. Inserir-lo na rotina foi muito difícil, pois, os profissionais da área tinham dificuldade em se adaptar para

novas mudanças, mesmo o método sendo mais simples e prático em relação ao tradicional.

Porém, tivemos um problema, independentemente de qualquer método criado, todos esses séculos foi uma trajetória do uso massivo das técnicas de cópia, da caligrafia, da letra cursiva e das cartilhas.

A leitura e a escrita eram encaradas basicamente como o desenvolvimento de técnicas de decodificação (decifrar, identificar) e codificação (transformar). Durante muito tempo, se pensava que ser alfabetizado era conhecer o código linguístico, ou seja, conhecer a grafia das palavras. Atualmente, sabe-se que embora seja necessário, o conhecimento das letras não é um mero código para comunicação, ela é um fenômeno social, estruturado de forma dinâmica e coletiva, portanto, a escrita também deve ser concebida do ponto de vista cultural e social. Para compreender o papel da escrita como prática social, diferenciada da aquisição da tecnologia de aprender a ler e escrever, considera-se o domínio do código com alfabetização e as práticas de escrita como letramento. (LEITE, 2001, p.53)

Dessa forma, podemos dizer, que fazer cópias das mesmas palavras várias vezes sem existir um significado (sentido), não é um período preparatório, pois essa memorização mecânica não é a maneira adequada de alfabetizar.

Ainda no século XX, vão surgindo outras contribuições ao longo dos anos, como por exemplo, nos anos 70, a leitura e escrita passam a ser específicas, deixam de ser técnicas e começam a ser trabalhadas além da memorização. Nos anos 80, são divulgados os dados da pesquisadora Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que não criara mais um método, fizeram uma descoberta, através da pesquisa com crianças, de como elas (as crianças) constroem suas ideias sobre o sistema da escrita alfabética.

Em suas pesquisas podemos analisar e perceber, que desde o início, as crianças já demonstram a compreensão sobre a escrita, e a partir dela, surge a vontade de escrever, não é um processo mecânico, e na verdade é motivado.

Seus estudos nos informam que, a maioria das crianças, ao tomarem conhecimento da escrita existente em seu entorno, passam a fazer representações gráficas utilizando traços retos e circulares, separados, em suas produções espontâneas. Durante um tempo, os aprendizes se aplicam em descobrir os diferentes traçados novos, elaborando experiências. Percebeu-se que em suas representações eles utilizavam sempre agrupamentos de letras e nunca escreviam uma letra sozinha. (BRANCO, 2009, p.6)

No entanto, ainda nos anos 80, no Brasil a expressão “pré-escola”, era considerada como uma etapa sem conexão com o Ensino Fundamental (EF). A pré-escola (Educação Infantil- EF) era um nível anterior e só na EF é que começava o ensino da leitura e da escrita.

Em 1988, a Constituição Federal tornou uma obrigação do Estado ofertar o atendimento em creche e pré-escola para as crianças de zero a 6 anos de idade. Consecutivamente, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), em 1996, a EI passa a ser um direito, antecipando a faixa etária a ser atendida, de zero a 5 anos, a partir de 2006.

Em 2013, tornou-se obrigatório a matrícula de todas as crianças de 4 e 5 anos na Educação Infantil.

A parti desses dados, no decorrer do trabalho será analisado como a criança desenvolve na escola, a compreensão da leitura e da escrita, como também, o quanto isso contribui para o aprendizado da alfabetização. Com isso, incluiremos mais um pesquisador para ampliar a compreensão do sujeito com o seu meio e seus aprendizados.

Segundo Vigotski, a criança só completa a sua compreensão sobre a escrita e leitura se,

As primeiras relações dos indivíduos com o objeto de conhecimento ocorrem de forma externa, isto é, de forma intrapsíquica ou interpessoal, para somente depois serem internalizadas e passarem a fazer parte do repertório do sujeito, aprendemos observando a ação dos outros, depois a incorporamos aos nossos conhecimentos” (COELHO, p.59)

O aprendiz alcança a capacidade de aprender com maior independência, embora não dispense a mediação socializadora do professor, e isso faz com que ele aprenda de uma forma mais eficaz por meio da participação em atividades coletivas que tenham maior significado para ele.

Segundo Leontiev (1978) “é necessário um mundo de atividades mediadas com ampla significação e não uma simples exposição da criança ao mundo letrado” LEONTIEV, 1978, p.85-86)

O professor irá ensinar, informar, incentivar, mas além de tudo isso ele deve colher dos pequenos suas vivências sobre os conteúdos e temas trabalhados. O educador já alfabetizado não pode querer fazer igual a maneira que lhe foi ensinado, ou seja, não pode se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções.

Segundo Ferreiro (2000), para ser eficaz o educador “deverá adaptar seu ponto de vista ao da criança. Uma tarefa que não é nada fácil” (Ferreiro, 2000, p.61)

A partir de seu meio, a criança vai conseguir compreender a linguagem escrita e a função da linguagem falada, as duas trabalham juntas, como elo mediador. É por meio da influência das outras pessoas que surgem o desejo de ler e escrever. A criança faz marcas, rabiscos que tem sentido para ela, pois fazem parte da sua cultura, e acredita que escreveu algo.

É necessário que se estabeleçam quais os motivos que levam uma criança a iniciar-se em atividades tão complexas como a escrita e a leitura. Ela analisa os dois domínios, em que os gestos estão ligados à origem dos signos escritos, sendo assim, podemos dizer que isso é o que leva a criança a escrever?

O primeiro domínio é o dos rabiscos das crianças. Ao estudar o ato de desenhar, ele pode observar que, frequentemente, quando as crianças usavam a dramatização, demonstravam por gesto o que deveriam mostrar nos desenhos; traços constituíam somente um suplemento a essa representação gestual.

O segundo domínio, que se refere à esfera de atividades que une os gestos e a linguagem escrita, é o dos jogos das crianças em que alguns objetos podiam denotar outros, substituindo-os e se ornando signos. Neste caso, a similaridade entre a coisa com que a criança brincava e o objeto que era denotado não era importante, mas sim, a possibilidade de executar, com eles um gesto representativo. Isso podemos observar com facilidade quando vemos uma criança brincar de “cavalinho” ou de “armas de guerra” com um mesmo cabo de vassoura, tanto como poderia fazê-lo com um outro objeto qualquer. (COELHO, p. 63)

Segundo Luria (1988) para que a criança possa ser capaz de aprender a escrever ou anotar algo, é preciso que preencha duas condições que têm estreita relação com os domínios, pois ela

Relaciona-se com as coisas ao seu redor, estabelecendo diferenças de acordo com seu interesse, gosto ou desejo de possuí-las ou ainda pelo papel instrumental ou utilitário que representam e por seu caráter funcional na consecução de um objeto. Ser capaz de exercer controle do seu próprio comportamento por meio desses subsídios que já funcionam como sugestões que ela mesma invoca. (LURIA, 1988, p.145)

A brincadeira de faz de conta também pode ser uma condição para o desenvolvimento da linguagem escrita, pois ela traz uma nova maneira de falar através dos gestos.

Em síntese, para Luria e Vigotsky, a criança só vai compreender a escrita quando tiver domínio exterior dela,

[...] a escrita não se desenvolve, de forma alguma, em uma linha reta, com um crescimento e aperfeiçoamento contínuos. Como qualquer outra função psicológica cultural, o desenvolvimento da escrita depende, em considerável extensão, das técnicas de escrita usadas e equivale essencialmente à substituição de uma técnica por outra. [...] inicialmente atrasa, de forma considerável, o processo de escrita, após o que então ele se desenvolve mais até um nível novo e mais elevado. (LURIA, 1988, p. 180).

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Quando se fala sobre crianças, tudo no mundo apresenta-se como uma novidade, elas estão o tempo todo em exploração e questionamento, no ambiente escolar não é diferente. Ao entrar na escola a criança fica animada com as novidades, quer aprender várias coisas, se empolga com os materiais novos, com o uniforme, com os colegas, com os professores e com os momentos de brincar.

No primeiro ano do ensino fundamental a criança interage mais intensamente com o processo de alfabetização, pois um dos objetivos mais importantes para ela é a busca da escrita, e Cagliari (1989) afirma que:

Quando a criança começa a aprender a escrever, ninguém lhe diz isso e, muitas vezes, ela fica admirada diante das coisas que a professora (e os adultos) fazem com as letras. Com o tempo acaba aprendendo indiretamente o que a escola pretende. O grande problema nesse caso é que a escola ensina a escrever sem ensinar o que é escrever. (CAGLIARI, 1989, p.97)

Ao ser inserido no universo da escrita, a criança começa a adquirir o domínio das letras, pois o aprendizado da escrita lhe permite a leitura e a interpretação dos símbolos.

O universo escolar é muitas vezes o único lugar onde se escreve sem motivo, trabalhando atividades descontextualizadas. De acordo ainda com Cagliari (1989, p.101) “antes de ensinar a escrever, é preciso saber o que os alunos esperam da escrita, qual julgam ser sua utilidade e, a partir daí, programar as atividades adequadamente” (CAGLIARI, 1989, p.101).

A partir disso surgem alguns questionamentos que devem ser tratados: o que representa e para que serve a escrita para as crianças? Quando e o que se deve escrever?

Sabe-se o quanto as crianças gostam de contar tudo para os pais e/ou professores, como também o quanto elas gostam ainda mais de serem ouvidas, de participarem dos planos da família, das atividades escolares. Com isso, as crianças tornam-se motivadas a escrever, surgindo então os textos ou as frases espontâneas, pois a escrita também, é uma forma de expressão artística e até um passatempo.

O autor Cagliari (1989) traz em seu livro “Alfabetização e Linguística” a opinião de que “é interessante perguntar a criança o que quer dizer o seu escrito e anotar as respostas, para poder acompanhar o seu desenvolvimento” (CAGLIARI, 1989, p.120), pois inicialmente, o resultado da escrita somente o pequeno escritor conhece.

Todo esse trabalho com a escrita tem como objetivo a leitura e conseqüentemente a fala. A leitura vai amplificar esse universo novo. Ela poderá se tornar uma descoberta, uma atividade lúdica e até incentivar cada vez mais a imaginação.

O primeiro contato da criança com a leitura ocorre a partir do segmento oral, realizada por um adulto, com a criança escutando a contação da história.

Ouvir histórias é uma forma de ler. A diferença entre ouvir a fala e ouvir a leitura está em que a fala é produzida espontaneamente, ao passo que a leitura é baseada num texto escrito, que tem características próprias diferentes da fala espontânea. (CAGLIARI, 1989 p.155)

Cagliari relata que o primeiro contato das crianças com a leitura se dá através da forma auditiva. Isso nos mostra, o quão importante é o estímulo que pode vir da família e da escola. A criança aprende a gostar daquilo que lhe é estimulado, mostrado, além de ajudar a melhorar o seu desenvolvimento cognitivo.

A leitura feita pelos adultos permite que o pequeno ouvinte imagine e crie um mundo fantástico, próprio para si, essa criação muda de leitor para leitor, como de ouvinte para ouvinte.

Aprender a ler não é uma tarefa fácil, por isso as crianças precisam de um tempo, pois cada uma tem um ritmo próprio a ser respeitado. Desta forma, Cagliari (1989) destaca que:

A leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. (CAGLIARI, 1989, p.150)

É ainda o mesmo autor quem afirma que uma criança leva muito tempo no processo de alfabetização, pois precisa cumpri-lo passo a passo. Ela aos poucos vai

amadurecendo neste percurso. Uma grande ajuda para ela no processo de alfabetização é treinar em casa com os pais a leitura em voz alta, a decifração e a compreensão do texto. Após a criança passar por essas etapas normais, a leitura torna-se um processo automático e tão inconsciente quanto à fala. Assim,

Aprender a ler é mais fácil que do que aprender a escrever. Uma criança pode começar ouvindo histórias, aprendendo a decifrar os sons das letras (no seu dialeto e no da escola) em diversos contextos (palavras diferentes), e se pôr a ler pequenos textos de cujo conteúdo já tem conhecimento (já ouviu) ou que sabe de cor, como canções, parlendas, adivinhações, etc. (CAGLIARI, 1989, p.168)

Para a concretização desse aprendizado, “nos primeiros livros, as letras precisam ser bem impressas e de tamanho grande. É importante ler muitos livros, de tal modo que a criança se sinta realizada quando diz que já leu sete, dez livros” (CAGLIARI, 1989, p.178). Ou seja, além do aprendizado da alfabetização, a leitura deve tornar-se uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, servindo de grande estímulo e motivação para as crianças tornarem-se grandes leitores no futuro próximo, na idade adulta.

Os indicadores utilizados pelas crianças para desenvolver as suas concepções a respeito do sistema de escrita são as suas produções espontâneas, como já mencionado acima no livro do Luiz Carlos Cagliari.

Ferreiro (1986) destaca que quando a criança escreve, tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado. ” (FERREIRO, 1986, p.16)

A criança inicia seu processo na escrita, fazendo linhas onduladas ou quebradas como ziguezague, contínuas ou fragmentadas, ou então como uma série de elementos discretos repetidos. Para se considerar esse início como sendo uma tentativa de escrita e não de simples desenho, deve-se analisar a qualidade do traço, a distribuição espacial das formas, a orientação predominante, orientação dos caracteres individuais e etc.

Elas se dedicam muito para construírem as escritas, sabem também que existem critérios como o fato de ser interpretado e ter uma quantidade mínima de três letras para que a escrita “diga algo”.

Emília Ferreiro em seu livro “Reflexões sobre alfabetização”, nos traz os estágios (níveis) do processo que as crianças constroem na tentativa de compreender o que representa a escrita e acompanhando seus traçados podemos constatar em estágio de desenvolvimento as crianças podem estar.

Como neste trabalho o foco são as crianças do primeiro ano do ensino fundamental um, não tratar-se-á de detalhes sobre o nível pré-silábico, sendo assim partir-se-á com os outros níveis sequenciais:

O nível silábico, segundo Ferreiro e Teberosky (1986)

A criança começa por descobrir que as partes da escrita (suas letras) podem corresponder a outras tantas partes da palavra escrita (suas sílabas). [...] essas partes da palavra são inicialmente as suas sílabas. Inicia-se assim o período silábico, que evolui até chegar a uma exigência rigorosa: uma sílaba por letra, sem omitir sílabas e sem repetir letras. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1986, p. 24-25)

Ou seja, letras de forma convencional, mas utilizadas sem seu valor sonoro convencional: cada letra vale por uma sílaba. “A escrita silábica é o resultado de um dos esquemas mais importantes e complexos que se constroem durante o desenvolvimento da lecto-escrita.” (FERREIRO, 1986, p.79)

O nível silábico-alfabético:

Marca a transição entre os esquemas prévios em via de serem abandonados e os esquemas futuros em vias de serem construídos. Quando a criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade, mas que ela é, por sua vez, reanalisável em elementos menores ingressa no último passo da compreensão do sistema socialmente estabelecido. (FERREIRO, 1986, p.27)

Este nível é um período de transição, por isso necessita de tempo para atingir uma estabilidade interna.

O nível alfabético, segundo a mesma autora:

Caracteriza-se pela correspondência entre fonemas e grafemas, quando a criança compreende a organização e o funcionamento da escrita e começa a perceber que cada sílaba pode ser representada, na escrita, por uma ou mais letras. (REVISTA ESCOLA NOVA, 2019, não paginado)

Percebe-se que a criança está empregando a escrita de nível alfabética quando ela consegue entender esses três passos: primeiro ela tem que saber o traçado da letra, segundo ela tem que saber o nome dessa letra e por último ela tem que saber o som dela, com isso a criança compreende que em uma sílaba pode se ter uma ou mais letras.

Como tratado anteriormente, Ferreiro (1986) destaca que “as crianças que vivem em ambientes urbanos, encontram escritas por toda parte, letreiros de ruas, vasilhames comerciais, propagandas, anúncios da tevê, etc.” (FERREIRO, 1986, p.37). Essas vivências nos ambientes fora da escola permitem que a criança desenvolva os seus textos espontâneos e não fique somente na sala de aula fazendo cópia da lousa. A criança aprende, recebe informações dentro, mas também fora da escola, pode se dizer que essas informações foram utilizadas quando aprenderam a falar.

2.2 ANÁLISE COM A BNCC

Considerando que a partir do próximo ano, 2020 as escolas brasileiras deverão implantar a Base Nacional Comum Curricular, uma proposta curricular que estabelece direitos de aprendizagem dos alunos e uma continuidade entre os conteúdos a serem adquiridos na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, como destacamos a seguir.

De acordo com a BNCC (2019) a Educação Infantil (EI) propõe eixos estruturantes relacionados as interações e brincadeiras, intrínseco a isso, devem ser assegurados seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver, são eles: “conviver; brincar; participar; explorar; expressar e conhecer-se.”

A partir desses direitos de aprendizagem e desenvolvimento, a BNCC estabelece cinco campos de experiências, nos quais as crianças podem aprender e se desenvolver, são eles: “O eu, o outro e o nós (1); Corpo, gestos e movimentos (2);

Traços, sons, cores e formas (3); Escuta, fala, pensamentos e imaginação (4); Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (5).

Encontramos nesses campos objetivos estimados a serem cumpridos ou de alguma forma meio alcançados. No campo 1, encontramos que a criança com 4 para 5 anos ou 5 para 6 anos de idade já deve conseguir perceber os sentimentos, agir com independência, consegue expor suas ideias e tentar usar estratégias para resolver conflitos.

No campo 2, elas já conseguem controlar seu corpo (movimentos), criar hábitos de higiene, alimentação e organização. No campo 3, produzir atividades espontâneas e expressá-las, reconhecer sons ao ouvir músicas e instrumentos. No campo 4, através da fala e da escrita expressar suas ideias de maneira espontânea. Inventar brincadeiras, danças e textos. “Escolher e folhear livros procurando orientar-se por temas e ilustrações tentando identificar palavras conhecidas. Recontar histórias ouvidas [...] produzir suas próprias histórias orais e escritas.” (BRASIL, 2019, pg.49-50). E por último o campo 5 “relacionar números as suas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência.” (BRASIL, 2019, pg.52)

É sabido que passaremos por fases e conseqüentemente mudanças em nossas vidas, desde de pequeno até adulto. Uma delas é a transição da EI para o EF (Ensino Fundamental). Ela deve ser tratada com muita cautela.

A BNCC relata,

A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa. Torna-se necessário estabelecer estratégias de acolhimento e adaptação tanto para as crianças quanto para os docentes, de modo que a nova etapa se construa com base no que a criança sabe e é capaz de fazer, em uma perspectiva de continuidade de seu percurso educativo. (BRASIL, 2019, p.53)

Além disso, passam por mudanças relacionadas a aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais, entre outros. Essas mudanças podem impor desafios na aprendizagem (na etapa de escolarização).

Ainda sobre a BNCC do EF – Anos Iniciais, as escolas precisam valorizar as atividades lúdicas de aprendizagem que serão apontadas pelas crianças ao passarem pela EI. Elas trarão articulações sobre as experiências vividas.

Essas articulações,

Demandam um trabalho no ambiente escolar que se organize em torno dos interesses manifestos pelas crianças, de suas vivências mais imediatas para que, com base nessas vivências, elas possam, progressivamente, ampliar essa compreensão, o que se dá pela mobilização de operações cognitivas cada vez mais complexas e pela sensibilidade para apreender o mundo, expressar-se sobre ele e nele atuar. (BRASIL, 2019, p.58)

Ainda e não menos importante,

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. (BRASIL, 2019, p.59).

Dessa forma, como a aprendizagem das crianças sobre a linguagem oral, e a participação em atividades de leitura e de escrita espontânea começará ser a desenvolvida na Educação Infantil, as crianças terão apenas os dois primeiros anos do Ensino Fundamental para concluírem a aquisição básica da leitura e da escrita, e não mais os três primeiros anos do Ensino Fundamental, como foi estabelecido pelo Programa de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), levado a efeito pelo Ministério da Educação (MEC) nos anos de 2012 a 2016.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em um ambiente escolar, em um espaço educativo da rede privada na Educação Fundamental 1º (primeiro ano) no mês de outubro. Esse estudo foi do tipo participante, que contou com observações, entrevistas, atividades diagnósticas com os participantes; análise documental e levantamento bibliográfico, com a finalidade de compreender se as crianças no período de avaliação são estimuladas a desenvolverem seu conhecimento sobre a leitura e a escrita na etapa da alfabetização.

Além disso, foi uma pesquisa qualitativa, possibilitando compreender as dificuldades e desafios, dentro do conceito de alfabetização. Foram analisadas duas turmas do primeiro ano do ensino fundamental, na qual uma participa de atividades escolares em meio período e outra em período integral, para observar se as crianças apresentam diferentes níveis de alfabetização.

Destaca-se que no primeiro ano dessa escola as crianças são acompanhadas em seu desenvolvimento na compreensão do sistema da escrita de modo a permitir a espontaneidade dos alunos na construção do seu conhecimento.

Foram participantes os alunos de uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental em tempo Integral e outra de alunos de 1º ano de Ensino Fundamental de tempo regular (4 horas), totalizando 32 estudantes de 6 para 7 anos de idade.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Realizou-se a pesquisa no mês de outubro, o mês do dia das crianças, normalmente os colégios organizam uma semana para as crianças interagirem com diversas brincadeiras.

No colégio em que se recolheu esses dados, tiveram duas semanas, uma na qual as crianças participam de um conjunto de experiências programadas pela escola denominadas de: Experiências, Brincadeiras e Aprendizagens (o EBA), que é uma semana inteira com os alunos do infantil ao 6º ano do fundamental II, participando de diversas atividades esportivas, desde pular corda, jogar futebol, jiu-jitsu, até tobogã com água, entre outros. A partir disso, utilizou-se as palavras empregadas nas atividades da semana, fazendo com que as palavras adquirissem significado prático, pois era algo que estava relacionado às crianças e não seria uma atividade sem sentido.

A segunda semana foi organizada com um tema para cada dia, por exemplo, uma era dia do cabelo maluco, outro de trazer a bicicleta, outro de vir fantasiado, fazer um piquenique e assim por diante.

A partir desses detalhes, o trabalho foi entrar em sala, aplicando uma atividade diagnóstica em duas turmas do primeiro ano do ensino fundamental, uma turma do ensino integral e a outra no período regular. Nesses momentos as crianças ficaram bem animadas com mais um dia diferente em suas rotinas, alguns estudantes fizeram várias perguntas a pesquisadora, para mostrar que sabiam ler e escrever sem a mediação do professorar. A maioria dos estudantes das duas turmas passaram pela Educação Infantil no mesmo colégio, alguns entraram esse ano. Participaram um total de 32 crianças. Depois de interagir com as crianças e com a professora regente, explicou-se como seria a atividade, utilizaram-se 4 palavras, sendo elas, PÉ (monossílaba); CORDA (dissílaba); AMIGO (trissílaba) e BRINCADEIRA (polissílaba), além disso usou-se a frase “O EBA FOI ANIMADO”, para analisar a compreensão do fonema e a transcrição da fala para o grafema.

Aplicou-se na turma dos alunos de meio período a atividade, as crianças de 6 para 7 anos de idade reagiram tranquilas e ficaram esperando as palavras serem ditas para escreverem, falou-se as palavras e algumas crianças falavam “essa é fácil”, passando nos corredores das carteiras a pesquisadora acompanhava o pensamento dos pequenos e realmente percebeu que alguns tinham uma facilidade grande, outros, porém ficavam meio inseguros em colocar as letras e pediam para repetir a palavra.

A partir disso, analisando cada uma das sondagens percebeu-se que em uma turma de 19 alunos, nove (9) já sabiam ler e escrever (apêndice 7), nove (9) estavam no nível silábico-alfabético (apêndice 6), ou seja, já compreendiam a função do fonema para a escrita e teve também um aluno que ainda estava no nível silábico (apêndice 5), ele ainda não conseguia compreender o fonema das palavras ao serem ditas.

Além da análise escrita, pediu-se para os estudantes escolherem uma das palavras ditadas para desenhar, percebeu-se o quanto a criatividade é grande e como gostam de desenhar e colorir as atividades.

Na turma dos alunos que ficam integralmente no colégio teve sete (7) estudantes alfabetizados (apêndice 4), um (1) silábico-alfabético (apêndice 3) e quatro (4) silábicos (apêndice 2), além de um (1) estudante de inclusão que ainda não tinha o desenho definido, utilizando somente garatujas e só reconhecia as letras de seu nome (apêndice 1). Treze (13) crianças fizeram a atividade nessa turma de quatorze (14) alunos. Seus desenhos também foram bem caprichados, mas demoraram mais tempo para desenhar e pintar do que a outra turma. Mesmo tendo o limite do desenho as crianças elaboraram ideias próprias a respeito dos sinais escritos, e constatamos que muitas dessas ideias vêm de influências do meio ambiente, das coisas que veem e tentam imitar no papel.

O que chamou a atenção foi o fato de encontrar mais alunos na fase silábica ao invés de mais silábicos-alfabéticos em uma turma que fica o dia inteiro na escola, talvez essa diferença seja devido a metodologia das professoras, ou seja, uma poderia fazer mais intervenções que a outra. Os estudantes entram as 07:30 e saem as 17:45. Conforme tabela a seguir,

TABELA 1: ORGANIZAÇÃO PERÍODO INTEGRAL

1º ano Integral -EF-I		PROFESSORA			
	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
07:20					
08:30	CAFÉ	CAFÉ	CAFÉ	CAFÉ	CAFÉ
08:50	OFICINAS	OFICINAS	OFICINAS	OFICINAS	OFICINAS
09:35	RECREIO ESTENDIDO	RECREIO ESTENDIDO	RECREIO ESTENDIDO	RECREIO ESTENDIDO	RECREIO ESTENDIDO
10:15		INGLÊS			
11:00					
11:45	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO
13:20	INGLÊS	PSICOMOTRICIDADE	MUSICA	INGLÊS	
14:05	ED. FÍSICA		INGLÊS	CLUBE DO LIVRO	
14:50	ACOMPANHAMENTO EM SALA		ACOMPANHAMENTO EM SALA		ARTE
15:35	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
15:55	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE
16:15	ACOMPANHAMENTO EM SALA		ACOMPANHAMENTO EM SALA		ARTE
17:00	ACOMPANHAMENTO EM SALA		ED. FÍSICA		INGLÊS
17:45					

FONTE: Colégio Observado (2019)

Para que melhor se compreenda a rotina citada acima exemplificaremos suas propostas: As oficinas que eles frequentam são: judô, dança, circo, canto, violão, capoeira, cinema e vídeo, futsal, iniciação esportiva, artes visuais e teatro, disponíveis para que escolham duas que frequentarão na semana. Nos espaços em branco são organizadas as aulas da regência para se tratar dos componentes curriculares. Os espaços destinados ao “acompanhamento em sala” foram pensados no intuito de auxiliar os estudantes com maior dificuldade em assuntos específicos durante o ano

letivo. O clube do livro é um momento semanal em que uma professora diferente irá apresentar aos estudantes uma obra literária que tenha correlação com o assunto trabalhado pela professora regente.

A tabela seguinte demonstra a rotina em que os estudantes frequentam apenas um período do dia. Podemos notar semelhanças quanto a proposta de atividades, entretanto a carga horária é significativamente reduzida e não possuem os horários destinados as oficinas, podendo ser realizadas em contra turno, mediante contratação à parte.

TABELA 2: ORGANIZAÇÃO PERÍODO REGULAR

1º ano Regular -EF		PROFESSORA			
	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
13:20			INGLÊS		ACOMPANHAMENTO EM SALA
14:05		INGLÊS	MUSICA		ACOMPANHAMENTO EM SALA
14:50	ED. FÍSICA				ACOMPANHAMENTO EM SALA
15:35	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
15:55	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE
16:15	INGLÊS			INGLÊS	ACOMPANHAMENTO EM SALA
17:00	ARTE				ACOMPANHAMENTO EM SALA
17:45	ARTE		ED. FÍSICA		INGLÊS

FONTE: Colégio Observado (2019)

Notando a diferença entre as grades horárias, começa-se a questionar sobre a concretização da escrita e da leitura. Para a criança chegar nos próximos anos desenvolvendo a leitura e a escrita ela precisa:

[...] de passos ordenados antes que a criança compreenda a natureza de nosso sistema alfabético de escrita e que cada passo caracteriza-se por esquemas conceituais específicos, cujo desenvolvimento transformação constituem nosso principal objeto. (FERREIRO, 1986, p.69)

Além disso, precisa compreender alguns critérios:

- 1- Variedade interna de caracteres, não basta um certo número de grafias convencionais: para que se possa ler, é necessário que essas grafias variem, que não se repitam sempre as mesmas. (FERREIRO, 1986, p.46)
- 2- Exigir três letras como mínimo, além da variedade de caracteres, são exigências puramente formais, sistematizações feitas pelas crianças ao operarem com base no próprio raciocínio. (FERREIRO, 1986, p.47)

Antigamente o processo de alfabetização era mais complexo, as crianças entravam na escola com sete anos e já no primeiro ano do ensino fundamental, além de passarem por vários métodos de alfabetização. Atualmente:

A criança que cresce em um meio “letrado” está exposta a influência de uma série de ações. E quando dizemos ações, neste contexto, queremos dizer interações. Através das interações adulto-adulto, adulto-criança e criança entre si, criam-se as condições para a inteligibilidade dos símbolos. (FERREIRO, 1986, p.59)

Como já foi falado várias vezes, desde que nascem, as crianças são construtores de conhecimento, pois a escola não é o único local para realizar-se a aprendizagem como antigamente.

As crianças não têm obrigação de chegar à escola já alfabetizadas, pois a escola tem a responsabilidade social de alfabetizá-las.

Segundo Ferreiro, “nas circunstâncias atuais, só a metade da população que começa a escolaridade em níveis pré-silábicos chega a nível alfabético.” (FERREIRO, 1986, p.95).

As professoras, com todas as mudanças dos currículos, ainda perguntam: “Deve-se ou não se deve ensinar a ler e escrever na pré-escola?” Como se essa aprendizagem dependesse apenas da escola. Na verdade, como já constatamos nas pesquisas dos autores empregados, é a criança que a partir dos estímulos ambientais e sociais que se determina quanto ao momento de demonstrar interesse por essa aprendizagem, independentemente se ela está na pré-escola ou no primeiro ano do Ensino

Fundamental. Não é mais a escola quem desvende o mundo da escrita para a criança e sim a responsabilidade da escola é identificar o desenvolvimento que a criança tem no momento em que inicia sua vida escolar e em razão desse diagnóstico buscar as melhores estratégias para estimular a criança a participar de atividades de leitura e escrita, de forma contextualizada e não de forma mecânica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todo o estudo feito com a revisão de literatura, pode-se perceber a importância da alfabetização na vida das crianças. O quão necessário é passar pelas fases da leitura e da escrita e que sem uma a outra não se completa. Durante o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, a criança percorre um caminho individual e próprio. A partir do momento em que elas estão em contato com materiais de leitura, como rótulos, embalagens, cartazes, livros e revistas, elas estão começando o caminho de descoberta do código escrito.

Além disso, analisando as sondagens percebemos que o período da criança de permanência na escola não faz com que o progresso alfabético dela seja maior, em comparação a que fica meio período. O estímulo para aprender surge com a criança, quando ela começa a querer investigar o real, quando começa a fazer perguntas, isso lhe permite explorar, para construir coisas que ela imagina. Isso ocorre, pois, a criança na sua transição da EI para a EF, começa a perceber como a linguagem escrita, a leitura e a oralidade são meios de conseguir coisas.

Dessa forma, quando a criança ingressa na escola, traz uma série de experiências e conhecimentos sobre a leitura e a escrita. Porém, sua compreensão é ainda muito reduzida, necessitando da intervenção/mediação do professor para que possa ampliar seu universo em torno da escrita e da leitura.

Com o passar dos anos, vimos as várias mudanças de métodos usados para alfabetizar os pequenos, concluímos então que somente o método tradicional não é o mais indicado, pois a criança precisa de novidades, experiências e conteúdos diferentes para se envolver e interagir. Normalmente, os professores ensinam como aprendem e isso não é o adequado pois as crianças precisam das novidades, não existe mais só o método da família silábica, existem outros meios de se incentivar a criança nesse mundo da leitura e escrita.

Concluindo, portanto, e para ajudar futuros professores e até mesmo os pais, dicas de como estimular os pequenos a se envolverem por completo neste universo maravilhoso da escrita e leitura: lembrar-se de que cada criança tem seu próprio ritmo de desenvolvimento, elogiar suas conquistas, ler sempre que possível, reservar um

lugar especial para a criança guardar e ler seus livros, ser paciente e muito compreensivo. Afinal sabemos que ler transforma as pessoas, fornece um mundo cheio de ideias e permite a imaginação ir longe.

REFERÊNCIAS

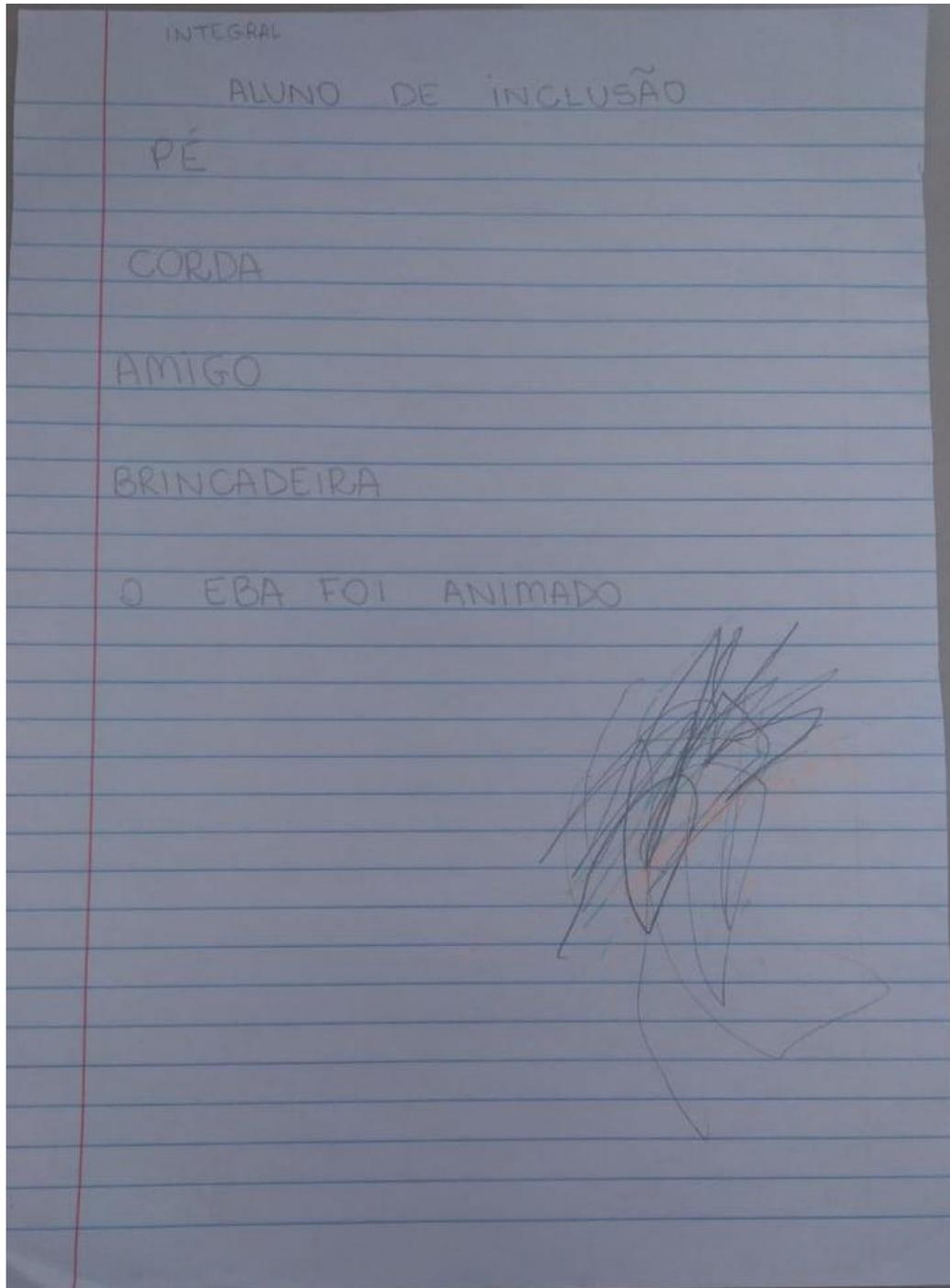
- BRANCO, Verónica. **Alfabetização: Um velho caminho, novos olhares**, 2009.
- CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e linguística**. Editora Scipione LTDA, 1989.
- COELHO, Sonia Maria. **A alfabetização na perspectiva histórico-cultural**. *Revista Univesp. Unesp*, 2011.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.
- FERREIRO, Emília; **Reflexões sobre a alfabetização** / Emília Ferreiro: tradução Horácio Gonzalez..(et al). 2. Ed. – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986 (coleção polêmicas do nosso tempo: 17).
- FERREIRO, E. & TEBEROSKV, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre, Artes médicas, 1985.
- <<https://www.redecaminhosdosaber.com.br/blog/importancia-do-processo-de-leitura-e-escrita/>>. Acesso em: 04 Nov. 2019.
- <<https://pedagogiaaopedaletra.com/os-niveis-de-aprendizagem/>>. Acesso em: 08 Out. 2019.
- <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34167/>>. Acesso em: 23 Set. 2019.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org.). **Alfabetização e letramento: Contribuições para as práticas pedagógicas**. S Campinas: Komerdi: arte escrita, 2001.
- LEONTIEV, Alexis N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução de Manuel Dias Duarte. Lisboa: Livros horizontes, 1978.
- LURIA, Alexander Romanovich et al. **O desenvolvimento da escrita na criança**. In VIGOTSKI, L.S; LURIA, A.R; LEONTIEV, A. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 4. Ed. São Paulo: Ícone, 1988.
- MAUDONNET, Janaina. **A alfabetização na educação infantil**, 2015. <[Http://insgmace.com.br/redefamiliaescola/a-alfabetizacao-na-educacao-infantil/](http://insgmace.com.br/redefamiliaescola/a-alfabetizacao-na-educacao-infantil/)> Acesso em: 05 Jul. 2019.
- PAIM, Marilane Maria Wolfb. **Alfabetização e letramento: um estudo sobre as concepções que permeiam as práticas pedagógicas dos professores alfabetizadores**. Florianópolis, 2014.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson L. Camargo. 2 ed. SP: Martins. Fontes, 1989.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos mentais superiores.** Tradução de José Apolla Neto et al. 4. Ed, São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Tradução de Maria da penha Villalobos. 4.ed. São Paulo: Ícone, 1988.

APÊNDICE 1

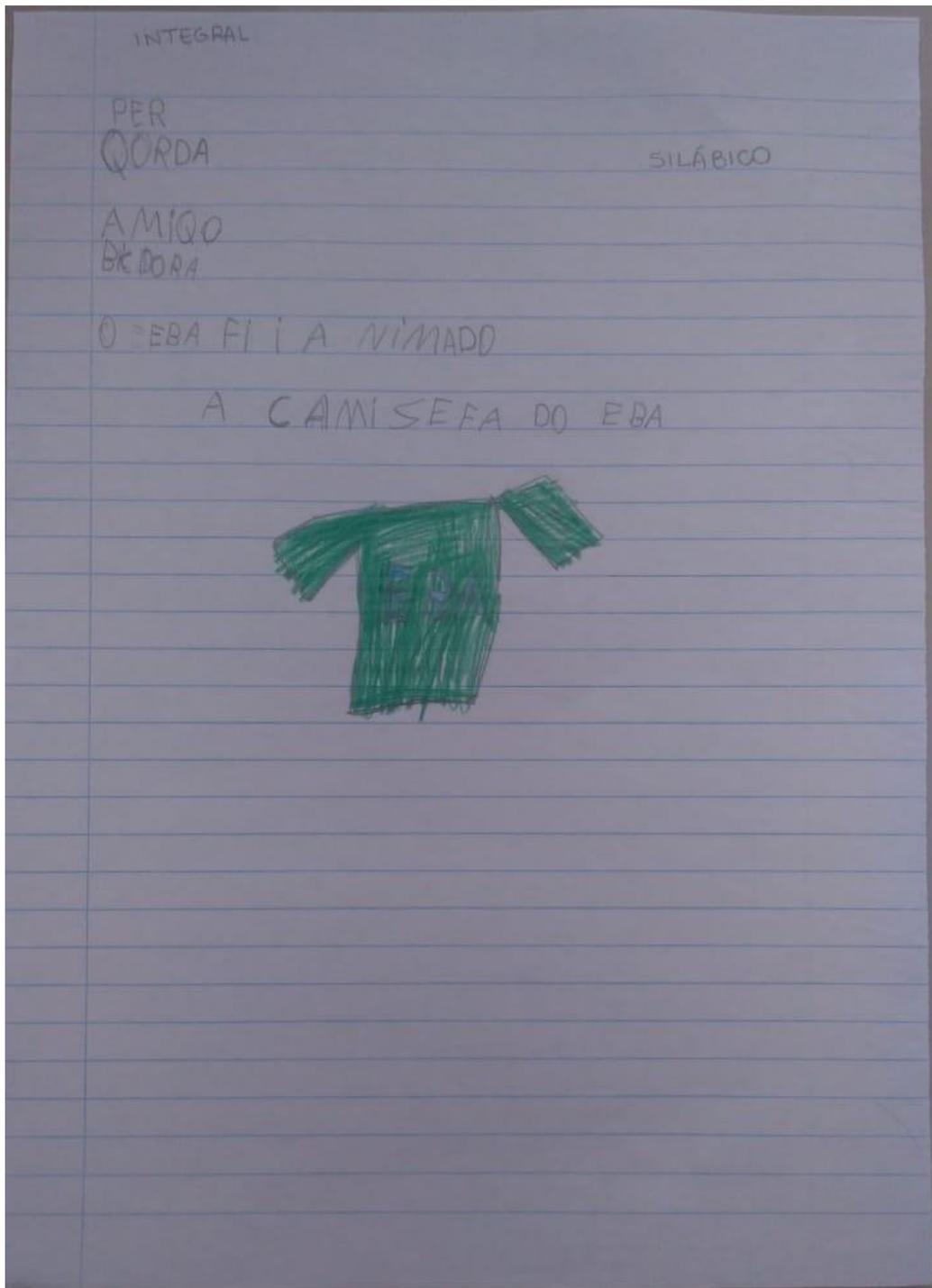
Aluno de Inclusão/período integral



Fonte: Aluna (2019)

APÊNDICE 2

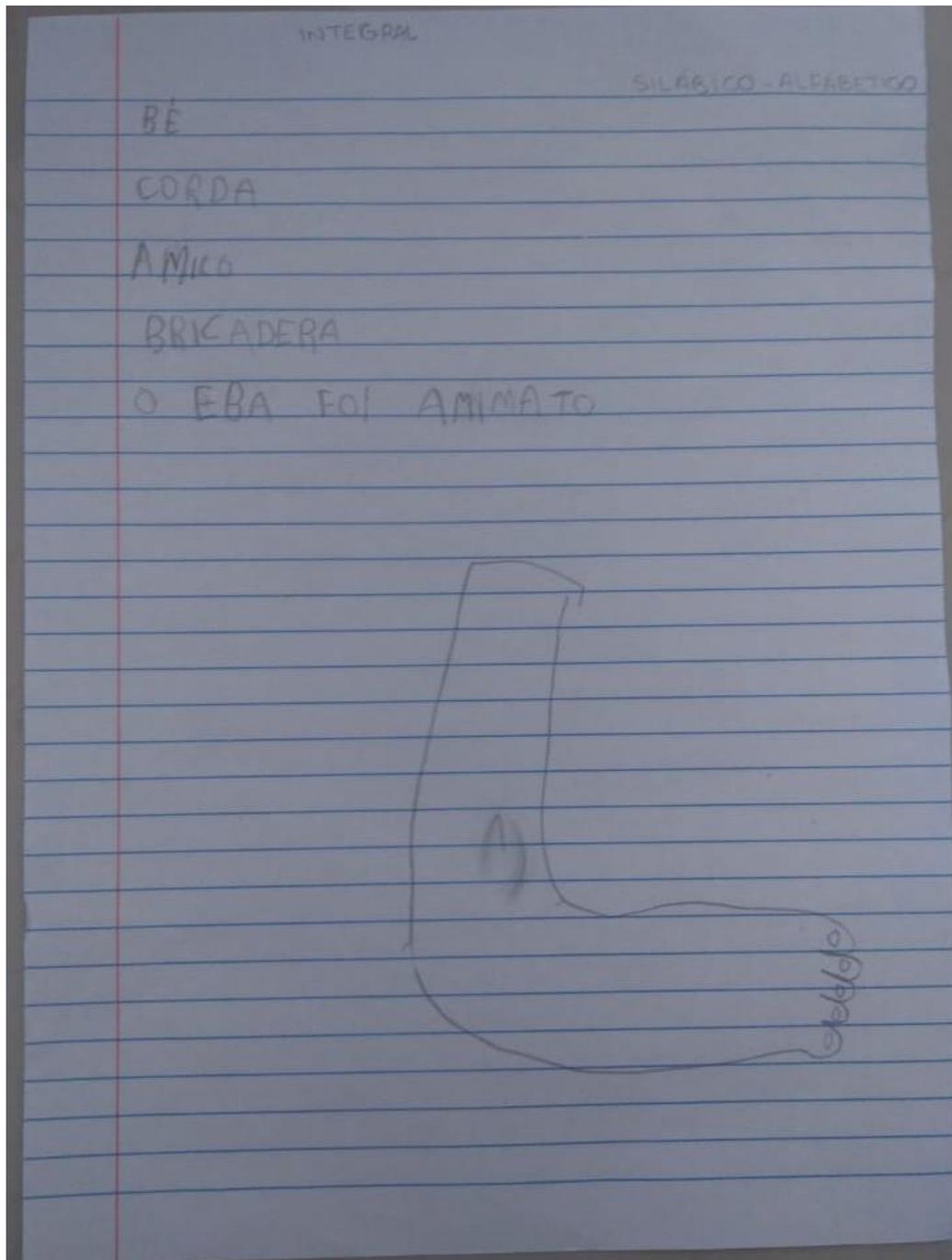
Nível silábico/ período integral



Fonte: Aluna (2019)

APÊNDICE 3

Nível silábico-alfabético/ integral



Fonte: Aluna (2019)

APÊNDICE 4

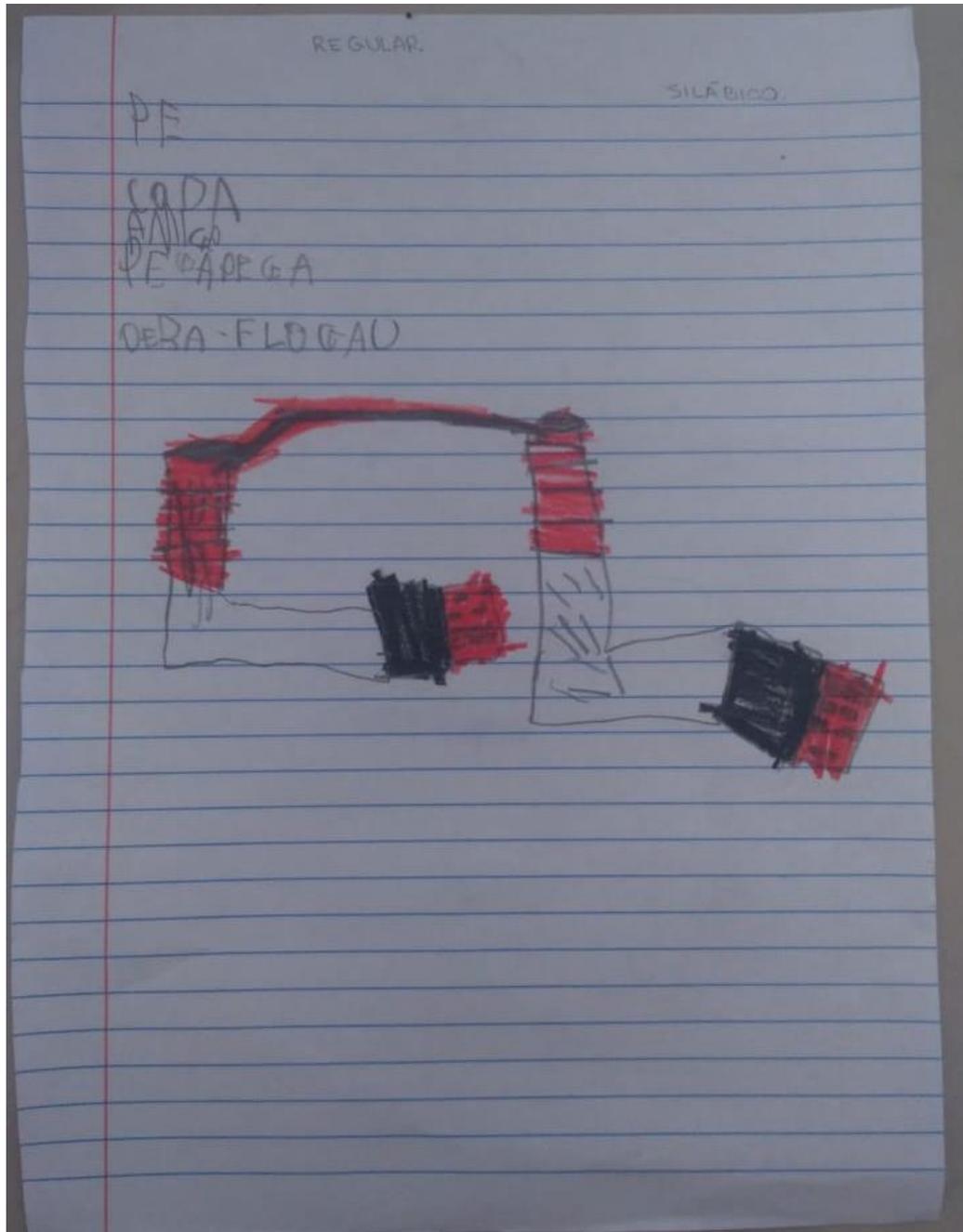
Nível alfabético/período integral



Fonte: Aluna (2019)

APÊNDICE 5

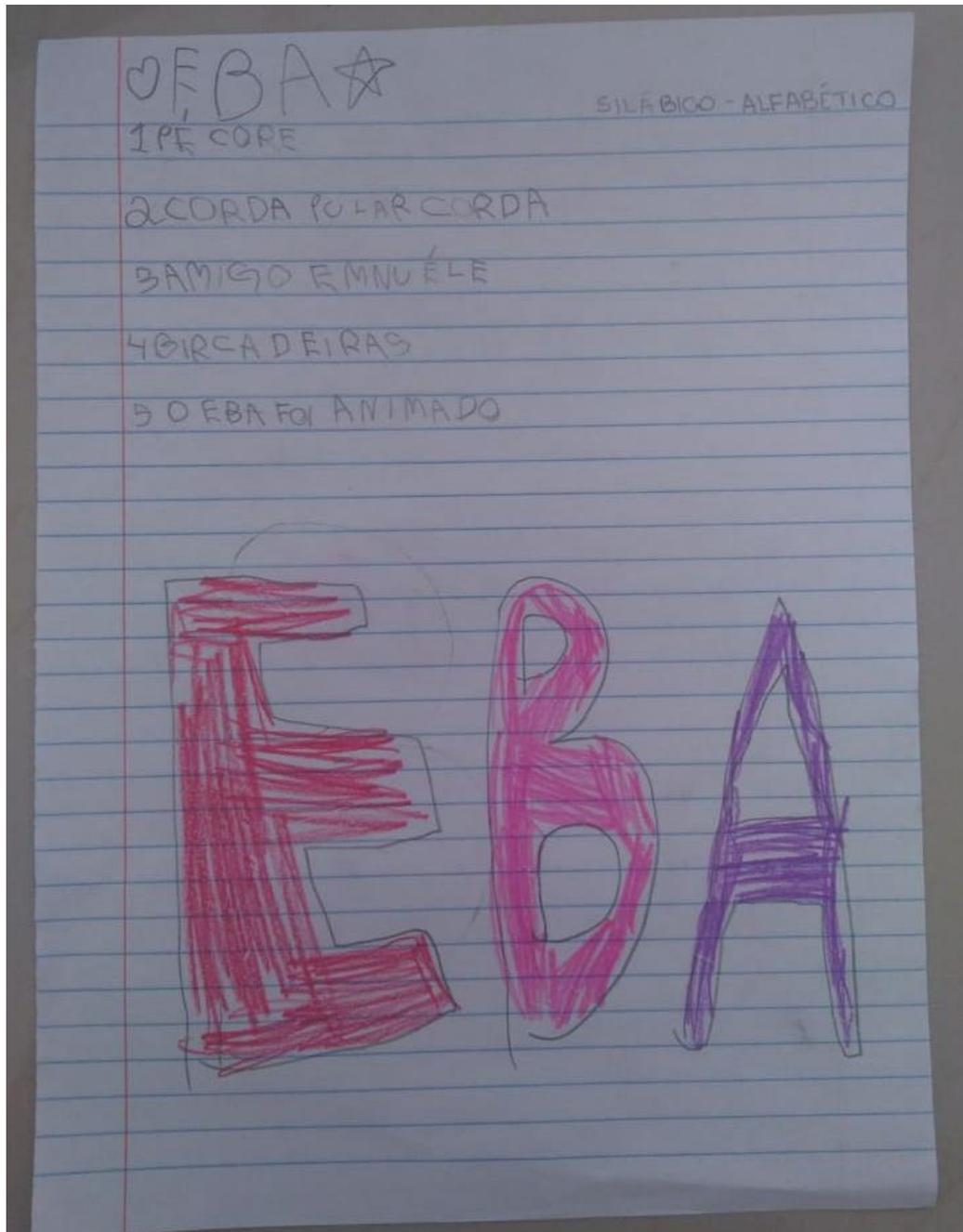
Nível silábico/período regular



Fonte: Aluna (2019)

APÊNDICE 6

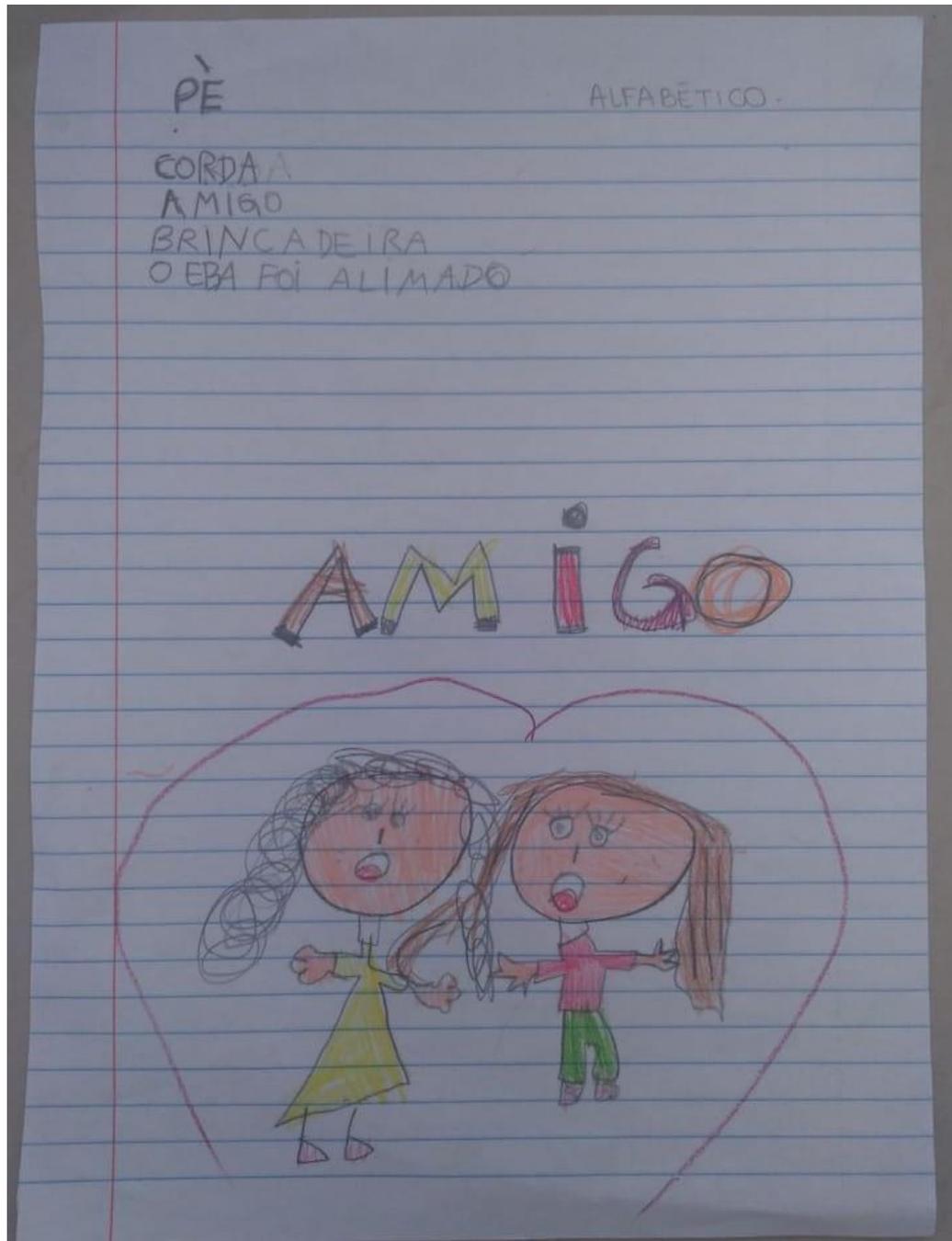
Nível silábico-alfabético/periodo regular



Fonte: Aluna (2019)

APÊNDICE 7

Nível alfabético/período regular



Fonte: Aluna (2019)